

Em busca de um conceito de língua em Teorias da Enunciação¹

Neiva Maria Tebaldi Gomes*

[...] todo homem inventa a sua língua e a inventa durante toda a sua vida. E todos os homens inventam a sua própria língua a cada instante e cada um de uma maneira distintiva, e a cada vez de uma maneira nova. Dizer bom dia todos os dias da vida a alguém é cada vez uma reinvenção.²

Resumo – Inventar e reinventar a língua implica conceber a possibilidade de um *sujeito* (entendido aqui como aquele que se institui como tal em um ato de enunciação) agir *com* e *sobre* a língua. A constituição da identidade desse sujeito pressupõe o reconhecimento do *outro*, num processo de *intersubjetividade*, por natureza condicionada à *dialogicidade*, princípios basilares do processo enunciativo. Os estudos lingüísticos pós-saussurianos, que nas últimas décadas se têm ocupado da atividade lingüística e compõem a chamada *lingüística da enunciação*, têm recebido, por suas diferenciadas abordagens dessa atividade, múltiplas sistematizações: Bakhtin o fez pela proposição da tese do *dialogismo lingüístico* e pelas formas da voz de outrem; Benveniste, pela proposição da *subjetividade na língua*, analisando os indicadores de subjetividade e sistematizando o *aparelho formal da enunciação*. Recortes bakhtinianos e benvenistianos entendidos nesta busca como complementares para a definição de uma concepção lingüística capaz de dar conta do processo interlocutivo constituem, pois, o objeto de estudo deste artigo.

¹ Este artigo constitui-se da síntese de um capítulo da minha tese de doutorado, citada nas referências bibliográficas.

* Curso de Letras da UniRitter. E-mail: neivatebaldi@bol.com.br

² Benveniste (1989, p. 18), em resposta a uma questão que retomava uma observação feita por ele sobre Chomsky.

1 Por que Bakhtin e Benveniste?

Ressalvadas as diferenças teórico-filosóficas, o ponto de partida dos estudos bakhtinianos e benvenistianos (e o dos demais estudos enunciativos³) parece ser a abordagem do fenômeno linguístico enquanto atividade. A opção Bakhtin e Benveniste deve-se a esta e a outras convergências que vejo entre ambos na abordagem da (inter)subjetividade que se institui *na* e *pela* língua. Essa convergência foi também percebida, entre outros, por Martins:⁴ “o pensamento desses dois autores coincide na preocupação antropológica de explicitar o processo de construção do sujeito, definindo-o como um evento social que se realiza pela linguagem [...]”. Mas como Martins, vejo ainda outro ponto de convergência entre os dois teóricos: *tanto Bakhtin quanto Benveniste admitem dois modos de significação: um próprio da língua, outro do exercício da linguagem.*

Assim, com o intuito de explicitar um pouco melhor o pensamento de um e de outro em relação ao objetivo desta busca – a concepção de língua que perpassa a construção teórica de ambos –, as perspectivas de cada um serão apresentadas separadamente. No decorrer da apresentação algumas referências a Saussure serão inevitáveis.

1.1 A perspectiva bakhtiniana de língua

O teatro onde o signo funciona e tem significado não é apenas o da mente individual, mas uma área imensamente mais abrangente, o grande mar das relações interpessoais chamado o “social”. Assim como peixe algum pode viver fora da água, nenhuma mente individual humana pode existir fora do oceano dos signos.⁵

No empenho de tentar apreender a língua pela substância e configuração com que se apresenta nos estudos bakhtinianos, parto da relação do sujeito com a língua, *a priori* indissociável. A explicitação dessa relação passará, primeiro, pelo conceito de signo que remete ao de língua concebida por sua concretude social, por isso de natureza essencialmente ideológica;⁶ depois, pelo de cons-

ciência que só adquire forma a partir dos signos sociais, portadores de ideologias. Situando as relações dialógicas no quadro teórico, chego à enunciação, realidade concreta da língua e objeto da metalinguística.

Reporto-me, inicialmente, ao pressuposto da indissociabilidade sujeito/língua como está posta em *Marxismo e filosofia da linguagem*,⁷ onde, já na introdução, lê-se que para Bakhtin⁸ “a língua é, como para Saussure, um fato social, cuja existência se funda nas necessidades de comunicação”. Mas, enquanto Saussure se consagra ao estudo da língua como sistema abstrato,⁹ isolando sua manifestação concreta (a fala), Bakhtin valoriza justamente a fala, a enunciação, destacando sua natureza social. Antes de uma divergência teórica, no entanto, parece tratar-se de “postos” de observação distintos: do estrutural (immanentista), o primeiro; do social (metalinguístico), o segundo. E como diz o próprio Saussure,

é o ponto de vista que cria o objeto; aliás, nada nos diz de antemão que uma dessas maneiras de considerar o fato em questão seja anterior ou superior às outras. [...] seja qual for a que se adote, o fenômeno linguístico apresenta perpetuamente duas faces que se correspondem e das quais uma não vale senão pela outra¹⁰

O ponto de vista sobre a língua que se revela nas reflexões de Bakhtin é o de uma abordagem dinâmica e concreta da vida da linguagem. Por isso, a fala ligada às condições da comunicação e às estruturas sociais – espaço de conflitos – é o que interessa a esse filósofo que vê todo o signo como veículo de ideologia e esta como

de sabor mais materialista)”. Ideologia, diz, é então o nome que o Círculo costuma dar para o universo de manifestações que engloba a arte, a ciência, a filosofia, o direito, a religião, a ética, a política. Faz ainda uma ressalva dizendo que algumas vezes, o adjetivo *ideológico* aparece como equivalente a *axiológico*. Assim, os termos *ideologia*, *ideologias* e *ideológico* não têm, em Bakhtin, nenhum sentido restrito e negativo. No uso específico que faço aqui, *ideologia* remete à substância da consciência social.

⁷ BAKHTIN. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1999, p. 14.

⁸ Apesar de uma certa indefinição ainda existente quanto à autoria desta e eventualmente de outras obras do círculo bakhtiniano, optei por referir sempre Bakhtin como autor, uma vez que não é essa a discussão que interessa, mas os pressupostos teóricos nelas apresentados. Para uma discussão sobre essa questão ver, entre outros, Clark, Holquist (op. cit., p. 171 et seq.), Flores (1999, p. 31-32, notas 40 e 41), Jachia (in: Jachia e Ponzio, 1993, p. 7 et seq.).

⁹ Há nesta obra uma crítica à corrente, que é aí denominada objetivismo abstrato, da qual Saussure seria o representante mais eminente. Essa crítica não interessa aos objetivos deste estudo, por esse motivo não entrarei no mérito de seu teor, nem na busca da verdadeira autoria da crítica: se de Bakhtin ou de um dos demais representantes do Círculo Bakhtin/Volochinov/Medvedev. Como Lahud (1979, p. 95), entendo que “separar a língua da fala equivale, em Saussure, a constituir ao mesmo tempo um objeto científico e um objeto especificamente linguístico”.

¹⁰ SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 1969, p. 15.

³ Uma introdução a esses estudos pode ser encontrada em Flores (2001).

⁴ Martins, 1990, p. 70.

⁵ CLARK e HOLQUIST. *Mikhail Bakhtin*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1998, p. 245.

⁶ Faraco (2003, p. 46) esclarece o sentido que a palavra ideologia tem em todo o Círculo de Bakhtin: “a palavra *ideologia* é usada, em geral, para designar o universo dos produtos do “espírito” humano, aquilo que algumas vezes é chamado por outros autores de cultura *imaterial* ou produção *espiritual* (talvez como herança de um pensamento idealista); e, integralmente, de formas da consciência social (num vocabulário

o reflexo das estruturas sociais. Assim, fala e estrutura social estariam de tal forma associadas que toda a modificação ideológica desencadearia uma modificação na língua. E a língua é definida “como a expressão das relações e lutas sociais”,¹¹ “veiculando e sofrendo o efeito desta luta, servindo, ao mesmo tempo, de instrumento e de material”.¹² O lugar da língua para Bakhtin é o lugar das relações sociais, espaço de *confronto e conflitos ideológicos*.

Com efeito, se a língua é determinada pela interação social, que se dá num espaço sempre ideológico, a consciência e, portanto, o pensamento, ou seja, toda a “atividade mental” (por ser condicionada pela linguagem) é modelada pelo confronto entre ideologias. Assim, psiquismo (atividade mental, consciência individual) e ideologia estão em *interação dialética* constante. E é desse material social e do dinamismo dialógico – sujeito/língua/estrutura social – que se constitui o ser enquanto consciência de si na relação com o outro.

Mas “não basta colocar face a face dois homo sapiens quaisquer para que os signos se constituam. É fundamental que esses indivíduos estejam socialmente organizados, que formem um grupo (uma unidade social): só assim um sistema de signos pode constituir-se”¹³ O signo bakhtiniano, por essa sua natureza social, é concebido como um produto ideológico. Tudo o que é ideológico integra alguma natureza material – som, massa física, cor, ou outra qualquer. Para Bakhtin, um produto ideológico faz, pois, parte de uma realidade (natural ou social), mas ao contrário de um corpo físico, *ele também reflete e refrata uma outra realidade que lhe é exterior, possui um significado e remete a algo fora de si mesmo*. Um corpo físico, um produto de consumo qualquer, pode tornar-se signo ideológico, desde que seu valor se desloque da função que tem enquanto produto e passe a representar uma outra coisa.¹⁴ Ao representar essa outra coisa, um signo pode não apenas refleti-la, mas refratá-

¹¹ Faraco (2003, p. 68) afirma: “Mesmo reconhecendo os jogos de poder, Bakhtin — diferentemente de Voloshinov — não estabelece em nenhum momento uma vinculação estreita entre vozes sociais e classes sociais. Há sim, no conceito do plurilingüismo dialogizado, *luta social* entre as diferentes ‘verdades sociais’, mas não uma correlação estreita entre essas lutas e a chamada luta de classes”.

¹² Bakhtin, 1999, p. 17.

¹³ Idem, p. 35.

¹⁴ Parece-me clara aqui a diferença de pontos de vista, mas ao mesmo tempo a não-incongruência do signo saussuriano com o bakhtiniano. Enquanto o primeiro é visto por sua função distintiva no sistema, o segundo é deslocado da sua função enquanto elemento de um sistema para representar outra coisa: aspectos ideológicos.

la,¹⁵ ou seja, distorcê-la, apreendê-la de um ponto de vista específico.

Clark e Holquist¹⁶ explicitam a natureza desses signos, quando dizem que “Bakhtin concentra-se no aspecto mundanal, sensório do signo [...] louva o neokantismo por este considerar que o traço dominante da consciência é o de “ser representação”. Cada elemento da consciência representa algo, porta uma função simbólica”.

Na concepção bakhtiniana, a consciência individual adquire forma e existência a partir dos signos criados no curso das relações e interações de grupos organizados socialmente. A consciência alimenta-se desses signos e desenvolve-se com eles. “A lógica da consciência é a lógica da comunicação ideológica da interação semiótica de um grupo social”.¹⁷ Daí a indissociabilidade *sujeito/língua*. E estando o social na base da construção de todo signo, pode-se reconhecer no signo a materialização da comunicação social e uma certa supremacia da linguagem humana na função de comunicar e veicular o material ideológico. *A palavra¹⁸ é o fenômeno ideológico por excelência; o modo mais puro e sensível da relação social*. Mas a palavra sempre povoada de ideologia é, também, neutra em relação a qualquer ideologia, podendo preencher qualquer espécie de função ideológica: estética, científica, moral, religiosa. A palavra como signo social e instrumento da consciência acompanha e traduz todo o processo de compreensão de qualquer fenômeno ideológico.

Em relação ao uso que o locutor faz da língua, Bakhtin¹⁹ diz que a consciência subjetiva do locutor não se utiliza da língua como um sistema de formas normativas porque tal sistema é mera abstração, produto de uma reflexão sobre a língua que não serve aos propósitos imediatos da comunicação. O locutor, de fato, serve-se da língua para suas necessidades enunciativas concretas porque para este importa o que a forma lingüística representa e significa num dado contexto. Na prática viva da língua, “a consciência lingüística dos sujeitos falantes não tem o que fazer com a forma lingüística enquanto tal, nem com a própria língua como tal”, mas apenas com a linguagem no sentido de conjunto de con-

¹⁵ Esta refração é explicada em *Marxismo e filosofia da linguagem* (p. 46), como o confronto de interesses sociais nos limites de uma só e mesma comunidade semiótica.

¹⁶ Clark, Holquist, 1998, p. 245.

¹⁷ Bakhtin, 1999, p. 35.

¹⁸ Em *Marxismo e filosofia da linguagem* e em outras obras bakhtinianas o sentido de *palavra*, em muitos dos seus empregos, remete ao de *linguagem*.

¹⁹ Bakhtin, 1999, p. 92.

textos possíveis de uso de cada forma particular. "Na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras. [...] A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial". Da mesma forma, diz que "não é a atividade mental que organiza a expressão, mas, ao contrário, é a expressão que organiza a atividade mental, que a modela e determina sua orientação".²⁰

Ao falar de expressão verbal passa-se para o plano da enunciação. E a enunciação dentro dos estudos bakhtinianos é vista como a realidade da língua e como tal uma réplica do diálogo social que a influencia e a condiciona. No próprio discurso interior (diálogo do sujeito consigo mesmo) há sempre um interlocutor, mesmo que potencial, e também nesse a substância é social. Nesta perspectiva, a língua é pensada na realidade concreta – a enunciação:

[...] a verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenómeno social da *interação verbal*, realizada através da *enunciação* ou das *enunciações*. A interação verbal constitui, assim, a realidade fundamental da língua.²¹

A língua concebida por essa sua substância e natureza sócio-comunicativa não pode ser explicada fora do fluxo verbal. E todo esse contexto não cabe no âmbito propriamente lingüístico dos estudos, daí a necessidade que Bakhtin sentiu de definir esse outro lugar, o da metalingüística. A proposição de um espaço para a metalingüística nada mais é que a conseqüência da inclusão da exterioridade no estudo da língua, ou seja, do alargamento do âmbito de focalização do fenómeno lingüístico com a inclusão do estudo do dialogismo e da subjetividade. "O estudo das relações dialógicas (inclusive as relações dialógicas do falante com sua própria fala) são objetos da metalingüística.²² [...] a orientação da palavra entre palavras, as diferentes sensações da palavra do outro e os diversos meios de reagir diante dela são provavelmente os problemas mais candentes do *estudo metalingüístico* de toda a palavra, inclusive da palavra artisticamente empregada".²³

²⁰ Bakhtin, 1999, p. 95.

²¹ Bakhtin, 1999, p. 123.

²² Bakhtin, 1997, p. 182.

²³ Bakhtin, 1997, p. 203.

Segundo Clark e Holquist²⁴ o que Bakhtin denomina metalingüística²⁵ é uma filosofia da linguagem cujo traço distintivo reside na sua ênfase dialógica em articulações entre categorias cuja oposição é a base de outras lingüísticas. E Bakhtin consagra atenção à *diferença, variedade e alteridade*, porque deseja detectar conexões que permanecem ocultas aos olhos menos acostumados a graus tão extremos de pluralidade e outridade. São justamente essas reflexões que o levam a reivindicar a elaboração de uma teoria da enunciação que se estrutura no princípio de (inter)subjetividade que comporta o de alteridade. Essa impossibilidade de pensar o ser fora das relações com o outro – a intersubjetividade — é que permite pensar a subjetividade, ou seja, o auto-reconhecimento do sujeito pelo reconhecimento do outro. Deste modo, a noção de alteridade (natureza ou condição do que é outro, do que é distinto) decorre do princípio de que é no reconhecimento do outro que os indivíduos se constituem como sujeitos, num jogo de reflexividade.

Em suas reflexões sobre a perspectiva marxista da linguagem, Bakhtin propõe o estudo da enunciação, em substituição ao modelo lingüístico (vigente à época) de estudo da língua como objeto abstrato e monológico. É a linguagem pensada como diálogo entre sujeitos²⁶. Mas a tese do dialogismo não se sustenta no sentido raso de diálogo. Pode ser percebida em todas as suas reflexões, que variam de acordo com o objeto de análise (o conhecimento, o romance, a linguagem). Para Machado,²⁷ é uma ciência das relações formulada por Bakhtin através da observação da interação existente na dinâmica das enunciações, dos organismos, dos fenómenos e do homem com o mundo; categoria através da qual ele pensará as relações culturais. O dialogismo bakhtiniano é, então, primeiramente, uma concepção filosófica,²⁸ uma visão de mundo que perpassa toda a sua obra. A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar de um diálogo. Ou, como no dizer de Clark e Holquist,²⁹

²⁴ Clark e Holquist, 1998, p. 37.

²⁵ Os autores dizem preferir chamar de "translingüística", porque, segundo eles, o termo *meta* teria se tornado demasiado banal no Ocidente.

²⁶ "O discurso, e não o sistema abstrato da língua, vai constituir o objeto privilegiado de sua reflexão e é isso que vai distingui-lo da lingüística clássica", afirma Amorim, Marília. In: Freitas, Jobim e Kramer (orgs.), 2003, p. 18.

²⁷ Machado, 1995, p. 36.

²⁸ Para Clark e Holquist (1998, p. 363), "o dialogismo é a tentativa de Bakhtin pensar o caminho de saída de um tal monologismo difundido por toda a parte. O dialogismo não pretende ser meramente outra teoria da literatura ou mesmo outra filosofia da linguagem, mas uma explicação das relações entre povos e entre pessoas e coisas que atalha fronteiras religiosas, políticas e estéticas".

²⁹ Clark e Holquist, 1998, p. 233.

o dialogismo de Bakhtin é essencialmente uma filosofia da linguagem. É uma "translingüística", que constitui uma óptica mestra para perceber todas as categorias radicadas na linguagem, e Bakhtin pressupõe que todos os aspectos da vida humana estão assim enraizados.

O diálogo é concebido em Bakhtin como unidade real da linguagem e produto da relação de alteridade entre duas consciências socialmente organizadas e socialmente constituídas. A palavra, também consubstanciada socialmente, "é o território comum do locutor e do interlocutor. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apóia sobre mim numa extremidade, na outra apóia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor"³⁰ É assim que a palavra (e todo e qualquer signo) é, por natureza, interindividual. Com efeito, tudo o que é dito, expresso, situa-se fora da "alma", fora do locutor, não lhe pertence com exclusividade. A palavra está impregnada de vozes da coletividade. É o princípio da polifonia que, segundo Dahlet,³¹ "não qualifica nunca uma tópica do sujeito, mas do discurso como um emaranhado de vozes, separadas e solidárias de um só e mesmo locutor". Apenas o enunciado, por seu caráter individual, não repetível comporta uma relação imediata do sujeito com o objeto. Mas o enunciado não se volta apenas para o objeto, volta-se também para o discurso do outro sobre esse objeto. Ou, como o define Bakhtin,³² "o enunciado é um elo na cadeia da comunicação verbal e não pode ser separado dos elos anteriores que o determinam, por fora e por dentro, e provocam nele reações-respostas imediatas e uma ressonância dialógica".

Em síntese, pelos recortes até aqui apresentados das reflexões de Bakhtin e outras sobre Bakhtin, pode-se dizer que o conceito de *língua* que perpassa a obra bakhtiniana implica o de *dialogismo*, princípio ou teoria por meio da qual ele investiga as relações que o homem estabelece com o outro e com o mundo através da linguagem.

1.2 A perspectiva benvenistiana de língua

[...] somente a língua torna possível a sociedade. A língua constitui o que mantém juntos os homens, o fundamento de todas as relações que por seu turno fundamentam a sociedade.³³

Não é a língua que se dilui na sociedade, é a sociedade que começa a reconhecer-se como "língua".³⁴

Quando Benveniste diz, em entrevista,³⁵ que "qualquer pessoa pode fabricar uma língua, mas (que) ela não existe, no sentido mais literal, desde que não haja dois indivíduos que possam manejá-la como nativos", destaca já aí o caráter essencialmente social³⁶ de uma língua, que é concebida por ele, antes de qualquer outra coisa, como um consenso coletivo. Assim, diz que, quando a criança aprende uma língua, o processo parece instintivo, tão natural quanto seu crescimento físico, mas o que ela aprende não é o exercício de uma faculdade "natural", é o próprio mundo do homem.³⁷

Com efeito, é a perspectiva do social que determina as concepções linguísticas deste teórico que entende

[...] a apropriação da linguagem pelo homem como a apropriação da linguagem pelo conjunto de dados que se considera que ela traduz, a apropriação da língua por todas as conquistas intelectuais que o manejo da língua permite. É algo fundamental: o processo dinâmico da língua, que permite inventar novos conceitos e, por conseguinte, refazer a língua, sobre ela mesma de algum modo.³⁸

A apreensão do conceito de língua que perpassa a obra benvenistiana passa primeiro pelo conceito de signo quanto à sua forma de significar, sendo que Benveniste propõe, para este, duas modalidades de sentido: o semiótico e o semântico. A primeira é a do signo saussuriano³⁹ concebido como uma unidade do sistema, dotada de sentido; a segunda, a modalidade semântica, representa

³³ Benveniste, 1989, p. 63.

³⁴ Benveniste, 1995, p. 47.

³⁵ Benveniste, 1989, p. 20. A entrevista de Pierre Daix com Émile Benveniste (*Les Lettres Françaises*, n. 1242, 24-30 jul. 1968, p. 10-13), constitui o capítulo 1 de *Problemas de Linguística Geral II*.

³⁶ A perspectiva social de Benveniste é da própria natureza do homem, por isso cultural, simbólico: "é um homem falando com outro homem que encontramos no mundo", enquanto em Bakhtin o social da língua é de natureza ideológica.

³⁷ Percebe-se aqui claramente que Benveniste não está se referindo à faculdade ou propensão para a linguagem que nasce com o homem, mas à língua nascida do convívio social e cultural.

³⁸ Benveniste, 1989, p. 21.

³⁹ Daí a impossibilidade de estudar aspectos linguístico benvenistianos sem paralelo com Saussure.

³⁰ Bakhtin, 1999, p. 113-114.

³¹ In: Brait, 1997, p. 65.

³² Bakhtin, 2000, p. 320.

o sentido resultante do encadeamento, da apropriação pela circunstância e da adaptação dos diferentes signos entre si. E esse modo de significar é o da língua como atividade social. Na língua de Benveniste, em relação à de Saussure, há um alargamento do ponto de contemplação do signo: da sua função como unidade de um sistema à função semântica no enunciado.

Em Benveniste, como em Bakhtin, vemos a língua sempre no seio da sociedade, no seio de uma cultura “o homem não nasce na natureza, mas na cultura” e nenhuma língua é separável de sua função cultural. O sentido do social que se pode depreender da língua benvenistiana, no entanto, não é o ideológico como o encontramos em Bakhtin, mas o cultural. A abordagem lingüística benvenistiana trata não das origens, mas dos fundamentos lingüísticos e “como fundamento de tudo encontra-se o simbólico da língua como poder de significação. [...] A simbolização, o fato que justamente a língua é o domínio do sentido. E, no fundo, todo o mecanismo da cultura é um mecanismo de caráter simbólico”.⁴⁰ A língua é um sistema (simbólico) significante que tem o signo como uma unidade de base.

Para tratar de seu objeto de estudo — a língua —, Benveniste recorre ao caminho aberto por Saussure, que diz que é preciso separar a *língua* da *linguagem*.⁴¹ A linguagem, para este, é uma faculdade humana da qual a língua é apenas uma parte; a língua, ao contrário, é um produto social e um conjunto de convenções necessárias para permitir o exercício da faculdade da linguagem nos indivíduos, *é um todo por si e um princípio de classificação*. Benveniste retoma essa discussão de Saussure que apresenta a língua como um sistema dentro do conjunto de fatos humanos — o conjunto dos sistemas de expressão que integrariam a ciência que ele (Saussure) estava buscando, a Semiologia, uma espécie de “macrociência” — e confirma esse lugar de destaque da língua entre os demais sistemas significantes:

Toda semiologia de um sistema não-lingüístico deve pedir emprestada a interpretação da língua, não pode existir senão pela e na semiologia da língua. [...] A língua é o interpretante de todos os outros sistemas, lingüísticos e não-lingüísticos.⁴²

Com a dimensão semântica entramos no modo de significar que é engendrado pelo discurso (a língua considerada em funcionamento). E aqui, segundo o próprio Benveniste, os problemas que

se colocam são relativos à função da língua como produtora de mensagens.

Mas [...] a mensagem não se reduz a uma sucessão de unidades que devem ser identificadas separadamente; não é uma adição de signos que produz o sentido, é, ao contrário, o sentido (o ‘intencionado’), concebido globalmente, que se realiza e se divide em ‘signos’ particulares, que são as PALAVRAS.⁴³

Benveniste, como estruturalista, assume as formulações teóricas de Saussure,⁴⁴ mas tenta ultrapassá-lo pelo desenvolvimento do que é no *Curso* um elemento central, mas insuficientemente elaborado, a questão da significação⁴⁵ que, desenvolvida a partir do discurso (entendido como a língua em funcionamento), vai se refletir no estudo da enunciação. Segundo Normand,⁴⁶ no entanto, veremos, nesse percurso benvenistiano, “um movimento de alternância de abertura e fechamento: abertura em análises de língua ‘intermináveis’ (no sentido em que elas são solitação a perseguir); fechamento na ilusão de uma possível teoria global, ‘fantástica’, do sentido e da cultura [...]”. Estes dois aspectos se manifestam nos textos de Benveniste sob a figura de oposição *interno/externo*.⁴⁷ E, para Normand, é esta clivagem herdada da formulação lingüística de Saussure que ele quer, através de incessantes formulações, ultrapassar. Diz que em todas as suas análises da significação encontramos, em graus diversos, uma mesma tentativa de conciliação: só levar em conta a “singularidade do objeto língua entre todos os objetos da ciência” e por aí, tratando o “interno”, ele é fiel a Saussure; ao pretender dominar a língua numa teoria coerente, ou melhor, completa, ele é levado a reintroduzir o “externo” e, por esse caminho, a tentar ultrapassá-lo.

A questão que incomoda e move Benveniste é a ligação *forma-sentido*, da qual o *Curso* apresenta somente os princípios de funcionamento. Mas, “longe de desfazer as oposições saussurianas, ele as complica, as reformula, constrói outras, de maneira a retomar o que foi primeiro excluído, o referente e o sujeito, passo necessário se se leva a sério o fato de que numa frase alguém fala de alguma

⁴³ Idem, p. 65.

⁴⁴ Da lingüística de Saussure, Benveniste (1995, p. 45) afirma: “Essa doutrina *enforma* de fato, de um modo ou de outro, toda a lingüística teórica de nosso tempo”.

⁴⁵ Entre as causas da elaboração insuficiente talvez esteja a exclusão do referente.

⁴⁶ Normand, 1996. Segundo a própria autora, este foi um artigo apresentado em uma comunicação, mas que integrou um projeto de estudo mais amplo sobre a elaboração por Benveniste de noções cujo conjunto constituiu o que passou a se designar por Teoria da Enunciação.

⁴⁷ Normand, 1996, p. 131.

⁴⁰ Benveniste, 1989, p. 21.

⁴¹ Saussure, 1987, p. 17.

⁴² Benveniste, 1989, p. 61.

coisa para alguém”.⁴⁸ E embora a questão de Benveniste fosse explicitamente a significação, outro aspecto que diferencia suas formulações das de Saussure é o do *sujeito*, já que ao estudar a língua ele encontra sempre o sujeito que fala e dá (ou pensa dar) sentido. É assim que a Benveniste é atribuído o mérito de ter dado a esse sujeito um lugar na teoria lingüística.

A subjetividade é vista por Benveniste como uma propriedade da língua realizável pela categoria de pessoa. Todavia, o termo *sujeito* empregado nos textos de Benveniste, como o comprova Normand, é uma mistura bastante vaga de *sujeito gramatical, psicológico, filosófico, antes uma retomada do que uma novidade*. Isso talvez porque não pretendesse fazer uma teoria do sujeito. Em relação a esse aspecto, Normand tem um posicionamento: “[...] O termo *sujeito da enunciação* (sintagma ausente em Benveniste) seria o elemento central de uma teoria acabada; sua ausência é então significativa”.⁴⁹ Assim, Normand nos remete a um movimento de ir e vir (*a bricolagem terminológica*) e nos suscita a dúvida: se a ultrapassagem não é realizada, talvez ela seja irrealizável. Ou como diz o próprio Benveniste:⁵⁰ “No final desta reflexão somos reconduzidos a nosso ponto de partida, à noção de significação”. Mesmo assim a proposição da subjetividade na língua é, certamente, o grande mérito de Benveniste e a sistematização dessa proposição representou um avanço indiscutível para a descrição e compreensão do fenômeno lingüístico enquanto fenômeno social.

Falar de subjetividade, em Benveniste, é falar de linguagem, uma vez que *não atingimos nunca o homem (sujeito) separado da linguagem*. É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como *sujeito* diante do outro. A subjetividade de que trata Benveniste é a *capacidade do locutor para se propor como sujeito*. E essa subjetividade, segundo o autor, “não é mais que a emergência no ser de uma propriedade da linguagem. É ‘ego’ que diz ego. Os pronomes pessoais são o primeiro ponto de apoio para a revelação da subjetividade na linguagem”.⁵¹ Deste modo a teoria dos pronomes e, mais especificamente, a definição da categoria de pessoa é, sem dúvida, o aspecto mais importante dos estudos benvenistianos, porque permitiu ao seu autor propor a subjetividade no sistema lingüístico. “[...] quando Benveniste fala de subjetividade, trata-se antes de tudo de língua. Assim, contrastando com Bakhtin e Bally

que inscrevem globalmente a língua no sujeito, Benveniste, por seu lado, inscreve radicalmente o sujeito na língua. [...] O sujeito de Benveniste não comunica apenas, ele é identificado por seu ato ao se representar, realizando-o”.⁵² Mas em ambos é o conceito de intersubjetividade (realizável pela língua) que comporta o de subjetividade, porque a emergência desta passa necessariamente pelo reconhecimento do outro.

Tentando sintetizar a essência dos recortes da teoria de Benveniste, talvez possa dizer que há nele um *a priori*: o homem só é homem porque é um ser de linguagem. Em relação ao que foi o objetivo do percurso Bakhtin/Benveniste, dois princípios lingüísticos se revelam – o dialogismo e a subjetividade –, respectivamente. Desta forma, a língua que encontrei é mais que estrutura: constitui a própria consciência do *sujeito* diante do outro.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail (V. N. Volochinov). *Marxismo e filosofia da linguagem*. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.
- . *Estética da criação verbal*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- . *Problemas da poética de Dostoiévski*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística geral I*. 4. ed. Trad. por Maria da Glória Novak e Maria L. Neri. Campinas: Pontes, 1995.
- . *Problemas de lingüística geral II*. Trad. por Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 1989.
- BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. Campinas: Ed. Unicamp, 1997.
- CLARK, K.; HOLQUIST, M. *Mikhail Bakhtin*. Trad. por J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem e diálogo: as idéias lingüísticas do Círculo de Bakhtin*. Curitiba: Criar, 2003.
- FLORES, Valdir do Nascimento. Princípios para a definição do objeto da lingüística da enunciação: uma introdução. In: *Letras de Hoje*, Porto Alegre, EDIPUCRS, n. 126, p. 7-67, dez. 2001.
- GOMES, Neiva. *Um estudo das relações de (inter)subjetividade presentes na enunciação escrita de professores de Língua Materna*. Porto Alegre. UFRGS, Tese (Doutorado em Letras), 2003.
- JACHIA, Paolo; PONZIO, Augusto (a cura di). *Bakhtin e...* Roma-Bari: Latreza, 1993.

⁵² Dahlet, in: Brait, 1997, p. 74.

⁴⁸ Idem, p. 139.

⁴⁹ Normand, 1996, p. 145-147.

⁵⁰ Benveniste, 1989, p. 234.

⁵¹ Benveniste, 1995, p. 286-288. Nesta obra, dois textos são fundamentais para a descrição da subjetividade: *A natureza dos pronomes e Da subjetividade na linguagem*.

MACHADO, Irene A. *O romance e a voz: a prosaica dialógica de M. Bakhtin*. Rio de Janeiro: Imago; São Paulo: FASPEP, 1995.

MARTINS, Eleni. *Enunciação e diálogo*. Campinas: Ed. Unicamp, 1990.

NORMAND, Claudine. Os termos da enunciação em Benveniste. In: OLIVEIRA, S. L.; PARLATO, E. M.; RABELLO, S. (org.). *O falar da linguagem*. São Paulo: Lovise, 1996.